

NACIONAL

Economia Brasil

ENTREVISTA

Crise nos EUA não ameaça investment grade do Brasil

Presidente da Sobeet prevê que o volume de IED no País será de US\$ 30 bilhões neste ano

FERNANDO RIBEIRO
SÃO PAULO

A crise no setor imobiliário norte-americano não deverá afetar a economia brasileira e nem a concessão do grau de investimento (investment grade) do País pelas agências de risco. Pelo menos é o que garante o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luis Afonso Lima, há seis meses à frente da entidade. "Nossos fundamentos hoje são mais sólidos do que há quatro anos. Todos os indicadores de endividamento externo estão melhores. Apesar de toda a crise, o que se pode ver é que a taxa de câmbio não chega a R\$ 2 por dólar", diz. (Leia mais sobre a turbulência na página B-1).

Sobre a entrada recorde no Brasil de US\$ 10,32 bilhões de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) em junho, Lima, que também é economista chefe da Telefônica há dois anos, disse se tratar de uma boa surpresa, capaz, inclusive, de antecipar o investment grade. O valor representa o maior volume recebido pelo País em um mês em toda a sua história e supera o total de investimentos acumulado no primeiro semestre de 2006 (US\$ 7,385 bilhões). Segundo o presidente da Sobeet, o volume total de IED deverá ultrapassar os US\$ 30 bilhões até o final do ano.

Lima, mestre em economia pela Fundação Getúlio Vargas

(FGV), também defende as parcerias público-privadas (PPP) e a autonomia das agências reguladoras como meio de ampliar os investimentos. "É importante ficar claro que IED voltado para infra-estrutura está muito condicionado a estabilidade de regras, que é a razão de ser das agências reguladoras", disse em referência ao projeto de lei, em tramitação na Câmara, que define o papel das agências e de seus diretores. Enviado ao Congresso em 2004, o projeto encontra-se em regime de urgência e poderá ser votado no final de agosto. Veja a seguir os principais trechos da entrevista com o presidente da Sobeet.

Gazeta Mercantil - O que foi determinante para a entrada recorde de investimentos estrangeiros diretos (IED) em junho?

Luis Afonso Lima - O pano de fundo já era conhecido. Temos por um lado a economia mundial crescendo no maior ritmo dos últimos trinta ou quarenta anos. É um crescimento forte e longo. Isso acontece porque a economia não está movida por um único motor, os Estados Unidos. Hoje, a economia asiática também responde por essa expansão. Embora o peso, especialmente da China, ainda seja menor, a velocidade de sua economia é muito maior do que a americana. O outro fator que explica esse crescimento dos investimentos são nossos próprios méritos. Soubemos aproveitar as bonanças dos últimos anos para fortalecer os fundamentos do setor externo e fazer o ajuste de conta corrente, aumentar as exportações e expandir a corrente de comércio.

Gazeta Mercantil - Qual impacto desse movimento?

Lima - Para investimentos diretos, e também para as exporta-



Luis Afonso Lima

ções, o crescimento da China e das outras economias asiáticas é extremamente positivo. Já estamos recebendo uma parcela de pelo menos 10% de investimento direto de países emergentes. Além disso, o fortalecimento dos fundamentos macroeconômicos candidata o País ao investment grade.

Gazeta Mercantil - Existe risco de o IED ser reduzido após uma eventual oficialização do Brasil como investment grade?

Lima - Fizemos um levantamento com cinco países que atingiram o grau de investimento. O aumento do IED no biênio imediatamente anterior foi de 20%. Depois da conquista do grau de investimento, o aumento médio no biênio seguinte é de 238%.

Gazeta Mercantil - O mercado financeiro e o Banco Central elevaram as expectativas com relação ao volume total de IED no ano. Qual a previsão da Sobeet?

Lima - A projeção do Relatório de Mercado do Banco Central

(BC) de US\$ 25 bilhões está completamente subestimada. Há dois meses a média de mercado era de US\$ 20 bilhões. Hoje temos US\$ 20 bilhões só no primeiro semestre. Na média até maio, sem considerar junho que foi atípico, chegaremos a US\$ 30 bilhões.

Gazeta Mercantil - O que o Brasil poderia fazer para elevar ainda mais esses investimentos? As parcerias público-privadas (PPP) seriam uma alternativa?

Lima - Sim, esse é ponto muito importante porque vai ser votada a lei das agências reguladoras ainda em agosto. O investimento que vem para o Brasil está voltado para infra-estrutura - telecomunicações, portos, estradas, aviação, transporte, etc. A maturação dos investimentos acontece em três ou quatro anos e o retorno ocorre em dez ou até vinte anos. Nesse sentido as agências reguladoras têm um papel fundamental.

Elas têm de favorecer o ambiente de estabilidade, de regras para que esses investimentos tenham segurança suficiente para o retorno de longo prazo. É importante ficar claro que o IED para infra-estrutura está muito condicionado a estabilidade de regras, que é a razão de ser das agências reguladoras.

Gazeta Mercantil - O crescimento da base de IED também poderá fazer com que as remessas de lucros e dividendos permaneçam em patamares elevados? Isso seria prejudicial?

Lima - A remessa de lucros e dividendos tem aumentado nos últimos meses. Mas não obrigatoriamente significa um desinves-

timento no País. Significa duas coisas. Primeiro, que essas empresas estão tendo o retorno de seus investimentos. O segundo ponto é que há um oportunismo cambial. Elas estão aproveitando um momento em que acreditam que o câmbio esteja apreciado para fazerem remessas de mais dólares para o exterior. Portanto, isso não significa uma saída de recursos do País.

Gazeta Mercantil - Qual a sua avaliação em relação aos resultados da balança comercial no primeiro semestre?

Lima - A balança comercial foi outra expectativa do mercado superada pelos fatos. A expectativa deste ano é que teríamos um saldo muito menor do que os US\$ 45 bilhões do ano passado. No final de 2006, falava-se que o saldo da balança deste ano seria de US\$ 38 bilhões na média de mercado. Estamos vendo números muito maiores. Isso se deve em parte ao crescimento mundial e também à reação das empresas exportadoras (ao câmbio).

Gazeta Mercantil - As importações continuarão em alta?

Lima - As importações devem crescer um pouco. Os últimos dados mostram um crescimento forte. O que diminui esse efeito são os preços das exportações. Nos primeiros cinco meses do ano, os preços das exportações cresceram três vezes mais do que os das importações. Isso compensou esse crescimento das quantidades importadas em relação às exportadas.

Durante o ano esse efeito deverá ficar um pouco mais evidente e haverá um saldo um pouco menor. Isso não é obrigatoriamente ruim. Basta que esses setores contribuam para a produtividade do País.

Gazeta Mercantil - A volatilidade no mercado imobiliário americano poderá afetar a economia brasileira?

Lima - A turbulência de fato já era em parte esperada e estava até atrasada em relação à expectativa que se criou. A economia americana produz menos do que ela consome e teria que ocorrer algum ajuste em algum momento no seu déficit em conta corrente. Mas há um segundo motor que sustenta o crescimento mundial neste momento. A China já é o segundo parceiro comercial do Brasil. Além disso, independente desse segundo motor, nossos fundamentos hoje são muito mais sólidos. Todos os indicadores de endividamento externo estão melhores.

Gazeta Mercantil - Qual tipo de impacto haverá para o Brasil?

Lima - Há dois tipos de impacto dessa turbulência: financeiro e comercial. O impacto comercial é menos acentuado porque nossa pauta de exportações é muito diversificada por destino e por produto. Pelo lado financeiro, sim. Talvez se sinta uma aversão a risco que traga maior efeito em ativos financeiros pelos investidores estrangeiros de bolsa de valores, que terão que fazer frente à demanda nos seus próprios mercados para cobrir a inadimplência. Eles têm de sacar recursos daqui e isso trará queda do Ibovespa.

Gazeta Mercantil - A turbulência pode dificultar a obtenção do grau de investimento?

Lima - As agências de risco não têm essa variável em mente. Portanto, não consideramos essa aversão a risco como condicionante do grau de investimento.